Acervo ISA

CEDI

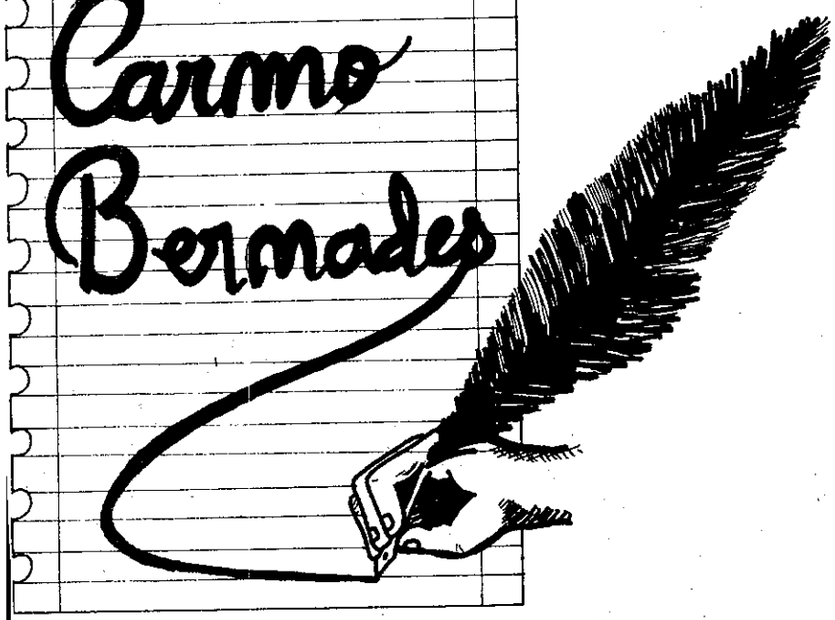
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Pinoo de Manoo **Class.:** 71

Data: 29/06/80 **Pg.:**

190

Carmo Bernades



A próposito de índios e sertanejos

Comi mais de um saco de sal com o povo da Ilha do Bananal, mesmo assim não tenho confiança de conhecer muito bem aquela gente. Estive ali, mais ou menos morando, por um espaço de tempo relativamente grande, e desde a minha mocidade visito com freqüência o Araguaia, mas não acho isto suficiente para me dar a confiança de que os meus conhecimentos dos habitantes da região - índios e sertanejos - sejam completos.

Estou convencido de que o caminho para se conhecer um povo, até ao ponto de sentir a sua cultura e interpretar as suas reações, passa incondicionalmente pelo universo ambiental em que esse povo se formou e está vivendo. Não posso entender uma comunidade vivendo num ambiente artificial, como o meio urbano das grandes cidades, a não ser vendo-a reagindo com atitudes e sentimentos fingidos, jogando com uma cultura postiça e vacilante. Como também entendo e vejo as comunidades ainda mais ou menos isoladas, como é o caso dos índios e sertanejos, reagindo instrumentalizadas com hábitos e cultura fundamentalmente, e necessariamente, vinculados ao ambiente; instrumentos tais que os tornam aptos para tirar da terra todos os meios que a plenitude da vida exige, desde as formas mais primitivas do lazer até os recursos mais amplos com que satisfazer necessidades básicas.

Admitindo-se como correta esta maneira de ver as coisas, fica, então, o pressuposto de que antes de se conhecer um meio, o espaço geográfico que a ecologia define como ecossistema, é impossível conhecer as reações dos indivíduos que nele vivem. Hábitos e estruturas culturais, a meu ver, são instrumentos com os quais os indivíduos reagem no conjunto dos ecossistemas em que as comunidades se formam, premissa esta válida também para todas as demais formas de vida.

Dou aqui um exemplo, citando passagens clássicas, de como fatos e coisas sugerem interpretações falsas, às vezes até absurdas, quando vistas segundo a ótica dos observadores que desconhecem o meio. Quem tem andado pelas praias dos grandes rios, e que leva um mínimo de curiosidade pelos componentes da paisagem, por certo já teve a oportunidade de ver o jacaré escarrapachado na areia, como que dormindo, com a boca escancarada para o alto. Está, nesses casos, sempre de frente para o sol - de manhã, naturalmente -, recebendo de cheio os raios solares dentro da bocarra desmesurada.

De fora a fora, na literatura dos naturalistas, ensinada nas disciplinas elementares, está consagrada a explicação de que o jacaré fica com a boca aberta na praia para ser palitado por uma espécie de pássaro. O exemplo é expressivo: a ótica com a qual o naturalista viu o saurio nessa atitude é a do racional que, sendo um produto do meio civilizado e poluído, adquiriu e incorporou à sua cultura o hábito de palitar os dentes, para atender necessidades de higiene. E, apesar da bagagem teórica que possui, vem atribuir a bichos os seus particularíssimos sentimentos e reações, numa atitude muito pouco científica; e o prato feito passa a ser engolido nas escolas, assim a grosso, sem nenhum exame crítico.

Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Cinco de Março **Class.:** 71

Data: 29/06/80 **Pg.:** (cont.)

Para o índio e o sertanejo, a quem o hábito de palitar os dentes não consta do seu patrimônio cultural, os motivos que levam o jacaré a "dormir" na praia, de manhã, com a boca aberta "bebendo" os raios do sol, são outros. Dão ao fato uma explicação condicionada ao meio, e que, se é correta a premissa de que cultura é, antes de tudo, um acervo de instrumento com os quais as criaturas reagem diante das exigências do meio - então os irracionais também possuem um patrimônio cultural. Os índios e os sertanejos dizem, unânimes, que o jacaré está lá coarando, com a bocarra escancarada no rumo do sol é para se ver livre dos "carrapatos d'água" apinhados na boca dele. Às vezes um passarinho chamado sassarico vem catar. De fato, é a maneira que a espécie tem para reagir contra os parasitos que a atacam pela boca, a única parte vulnerável do seu corpo encouraçado.

Podia trazer aqui numerosos exemplos assim, de interpretações discordantes, sacadas de teorizações cerebrinas, com o observador, colocado à distância, alienado do ambiente onde a coisa se passa. Mas esta do jacaré que para o civilizado, com habitos de asseio, tem necessidade de ser palitado, suponho que basta para que eu continue com os meus escrúpulos de que, apesar de haver comido mais de um saco de sal com os índios e os sertanejos da Ilha do Bananal, não estou credenciado a afirmar que os conheço perfeitamente. E me coloco também em guarda para não receber, sem que crítica as descasque, as teorizações feitas ao saber de sentimentos civilizados.

Reagindo em resposta às exigências do meio, índios e sertanejos se aproximam bastante ; não só no aspecto cultural , como nas suas aspirações, inclusive nos hábitos e costumes, até quanto às qualidades e ao preparo dos alimentos. Aliás, parece ser dos recursos de subsistência que o meio pode lhes oferecer com abundância que partem os hábitos, os instrumentos de trabalhos e a cultura deles. E naquelas regiões, de terras lixiviadas, arenosas e sujeitas às inundações, os frutos do rio e dos lagos numerosos representam quase a totalidade desses recursos. Por essa ótica , vejo quase tudo deles - do Carajá principalmente e do sertanejo em grande parte - relacionado com o peixe, com as pescarias, com as tartarugas. Suas frechas seriam frágeis e delicadas se nas mãos de um guerreiro, no caso um índio de uma nação caçadora; suas canoas e seus remos são leves, de lâminas muito finas em harmonia com a placidez das águas do rio sem rebojo, sem corredeira, e dos lagos que apenas enrugam à aragem branda dos ventos gerais. No Tocantins, um rio brabo e sem peixes, a ubazinha carajá seria uma casca de amendoim, não resistiria o primeiro embate das corredeiras.

Parece haver um pacto entre a terra e o rio: o rio fornece o peixe , as tartarugas e os ovos, alimentos riquíssimos em proteína, e a terra chega com a mandioca e a batata-doce para a dosagem dos amidos indispensáveis à fermentação das gorduras e a produção de calorias. Os solos aluvionais em manchas diminutas e esparsas, ocorrentes nas elevações como oásis na vastidão arenosa e fora do alcance das inundações, não se apropriam a outras variedades de cultura, a não ser para colheitas pobres: milho, cana-de-açúcar, banana e mamão, tudo muito próprio a entrar no balanceio das dietas à base de peixe. Vejo nesses hábitos a imposição instintiva, mas nem por isto ignoro-lhes uma base surpreendentemente científica, que bem podia presidir, e o faria corretamente, as formulações das nossas práticas dietéticas. Com uma adição: sempre levando em conta as condições mesológicas e o meio ambiente em que vivem as comunidades.

Tomando o Carajá da aldeia de Santa Isabel do Morro, na Ilha do Bananal, para um teste de sociologia, paraceu-me confirmar a teoria de que o conhecimento gera necessidades. Seria correta, portanto, a formulação de que não há necessidade daquilo que não se conhece. Daí um aspecto terrível das contradições do capitalismo: a propaganda maciça dos produtos industriais e dos supérfluos levada às grandes massas do povo, criando nos indivíduos novas necessidades e crescente desejo de possuí-los. Estabelece-se de início um choque cultural, os indivíduos atingidos pelas seduções consumistas, chumbados a valores morais conflitantes com os do mercantilismo, não se sentem na obrigação de respeitar as leis que lhes são arbitrariamente impostas; e, daí, as inquietações sociais com o seu cortejo brutal de assaltos e roubos, e toda sorte de violência, exatamente a atual etapa do desenvolvimento social.

O Carajá e o sertanejo foram atingidos pela voragem dos conhecimentos, que criam as necessidades, e só lhes resta reagir de acordo com seus padrões de cultura e de moral. Têm eles hoje necessidades variadas e para satisfazê-las estão aceitando qualquer negócio . E os indivíduos , agentes do mercantilismo desfigurador de culturas e amoral, se aproveitam disto; e o resultado imediato dessa agressão infame e ignóbil é a dilapidação dos recursos naturais que são o seu único patrimônio. A depredação da Ilha chega a um estágio inquietador. O índio que pode utilizar e dispor dos recursos naturais, no caso vertente circunscrito exclusivamente à fauna, sem a obediência de nenhum estatuto racionalizador da captura, já vai levando de vencida vastos recursos que só muito paulatinamente se reformam, se de todo não se extinguem.

Cito apenas o exemplo da espécie Arapaima gigas, e pirarucu, que está saindo em mantas salgadas, levadas por um comerciante de peixes apelidado por Açaí, com permissão da Superintendência do Desenvolvimento da Pesca, na quantidade estúpida de cerca de doze toneladas por semana. No tempo que as fêmeas estão criando os filhotes, que, agarrada ao seu pequeno cardume, prefere não fugir e é assim facilmente arpoada, esse volume de pescado chega a duplicar. A espécie é praticamente indefesa, porque habita as águas rasas e, por força da sua condição de aeorófaga, tendo de vir à toma respirar, se denuncia para a sua localização fácil.

Dilapidando o seu patrimônio , que já está sensivelmente abalado, é a única forma que o índio tem para obter o dinheiro com que socorrer às necessidades que o conhecimento criou na sua consciência desprevenida. Se lhe for vedada a prática predadora, terá ele de recorrer a outros meios que não serão nunca meios normais; porque só sabem fazer panhar e extrair. O apelo, então, poderá ser o roubo e o assalto, o que já vai se tornando freqüente.